



TODA REPRESENTAÇÃO É SEMPRE *FAKE*(?): PROBLEMATIZANDO FICÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E GERAÇÃO NO DISPOSITIVO DA IDADE.

Fernando Pocahy¹

Resumo: O trabalho em discussão é resultado de três pesquisas distintas (trabalhos reunidos), mas interconectadas, que se deitaram/deitam com a inquietação sobre como corpos (jovens e idosos) encarnam e desencarnam discursos que evidenciam o trabalho das biopolíticas contemporâneas através do dispositivo da idade. A reunião destes estudos tem como objetivo provocar olhares desviados sobre juventude e velhice, convocando movimentos de reversibilidade da marcação dos saberes prescritivo-normativos sobre a performatividade geracional. Esta apresentação arrisca tensionamentos e provocações acerca dos movimentos de objetificação do corpo nas ramas discursivas do gênero-sexualidade-idade.

Palavras-chave: Corpo; gênero; sexualidade; idade; performatividade.

O regime discursivo que segue no rastro da modernidade e do qual muitas dentre as disciplinas científicas – estejam elas posicionadas nas ciências humanas ou naturais – são signatárias, maquinam mecanismos de normalização na produção de indivíduos inteligíveis a partir da idade que portam - como experiência indissociável das performances de gênero e como aptidões para o exercício da sexualidade. Estas engrenagens atuam através da reificação das representações de um ideal de ‘humano’, cercados pelas interpelações e traduções normativas da experiência do corpo.

No plano das hierarquias sexuais e das relações de gênero, essas interpelações se destacam a partir da heterossexualidade compulsória e do seu calendário de reprodução. A ficção biopolítica e a representação do fracassado projeto moderno é evidente na vida cotidiana em práticas sociais e institucionais, que contam com a comoção interdisciplinar de campos de saber normativos e moralidades canônicas.

Ensaando alguma intimidade com problemas que se desmancham no jogo das ‘aparências do corpo’ (pós)-modernas e a partir da ideia de que toda representação é

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. pocahy@uol.com.br

sempre *fake*, esta comunicação apresenta algumas possibilidades de imaginar/viver (homo)eróticas na cama discursiva das idades da vida.

O trabalho em discussão é resultado de três pesquisas distintas (trabalhos reunidos), mas interconectadas, que se deitaram/deitam com a inquietação sobre como corpos (jovens e idosos) encarnam e desencarnam discursos que evidenciam o trabalho incansável, inacabável e ficcional das biopolíticas contemporâneas através do dispositivo da idade. A reunião destes três estudos tem como objetivo provocar olhares desviados sobre juventude e velhice, convocando movimentos de reversibilidade da marcação dos saberes prescritivo-normativos sobre a performatividade geracional.

Esta apresentação arrisca tensionamentos e provocações acerca dos movimentos de objetificação do corpo nas ramas discursivas do gênero-sexualidade-idade.

A muitas densidades do corpo

Parece-me estratégico pensar como a idade cria condições de inteligibilidade para o que definimos em nossas sociedades ocidentais (pós) modernas como humano em termos de gênero, sexualidade e “raça”/etnia. No rastro dessa reflexão sobre o projeto (bio)político que cerca a experiência geracional e algumas das interseccionalidades² que acabei de citar, são muitas as inquietações: o que deve o sujeito contemporâneo à sua idade e quais são as hierarquias produzidas em nosso tempo para a objetificação de discursos de inteligibilidade? O que pode uma vida com a sua idade? O que pesa e o que conta a idade que levamos? Pode um sujeito existir – oferecer inteligibilidade social - sem a sua idade? E uma idade pode ser a mesma de uma geração a outra? O que o corpo deve aos regimes políticos na gestão da vida (etno-sexo-generificada) e o qual o papel das ciências humanas ou “não” nessa trama discursiva das fases de vida – como a adolescência, juventude, terceira idade?

Em relação à juventude e à velhice tomo esta duas experiências discursivas como materialidades em negociações culturais e desde regimes de verdade biopolíticos, seguindo o rastro das problematizações de Michel Foucault sobre a gestão da vida que não pode ser pensada sem a organização e a produção de expectativas para as idades/fases da vida:

² Segundo Silma Bilge (2009), a ideia de interseccionalidade vai além de um simples reconhecimento da multiplicidade de sistemas de opressão, ela opera por consubstancialidade. Isso significa pensar as interações na produção e reprodução das desigualdades sociais, analisando-as a partir dos regimes discursivos que produzem identidade e diferença (SILVA, 2007).

“El otro campo de intervención de la biopolítica va a ser todo un conjunto de fenómenos, de los cuales algunos son universales y otros accidentales pero que, por una parte, nunca pueden comprimirse por entero, aunque sean accidentales, y que también entrañan consecuencias análogas de incapacidad, marginación de los individuos, neutralización, etc. Se tratará del problema de la vejez, muy importante desde principios desde siglo XIX (en el momento de la industrialización), del individuo que, por consiguiente, queda fuera del campo de capacidad, de actividad. Y, por otra parte, los accidentes, la invalidez, las diversas anomalías. En relación con estos fenómenos, la biopolítica va a introducir no sólo instituciones asistenciales (que existían desde mucho tiempo atrás) sino mecanismos mucho más sutiles, económicamente mucho más racionales que la asistencia a granel, a la vez masiva y con lacunas, que estaba esencialmente asociada a la Iglesia. Vamos a ver mecanismos más racionales, de seguros, de ahorro individual y colectivo, de seguridad, etcétera.” (FOUCAUT, 2006 [1976], p. 221)

Para isso, corrobora ainda a perspectiva de Pierre Bourdieu (1978), que nos ajuda a compreender que estamos diante de uma disputa sobre o domínio dos sujeitos ao limitar a experiência geracional a divisões arbitrárias – erigidas evidentemente a partir de conceitos e práticas regulatórias.

Segundo Bourdieu (1978) estas classificações por idade (mas também por gênero, “orientação sexual” e também por classe) remetem-nos sempre à imposição de limites e de produção de uma ordem pela qual cada um deve se fixar, na qual cada um deve se colocar em seu lugar.

Corpo, gênero e sexualidades em interseccionalidades geracionais:

Problematizações em pesquisa

Este conjunto de trabalhos de pesquisa sobre as idades se localiza particularmente em três (atualmente 4) investigações realizadas no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade, em perspectiva interdisciplinar com a Psicologia³, Educação⁴ e Antropologia⁵.

3 POCAHY, Fernando Altair. A pesquisa fora do armário: ensaio de uma heterotopia *queer*. Dissertação. Mestrado em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, 2006. Orientador: Henrique Caetano Nardi.

4 POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores e dublagens. Dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, 2011. Orientadora: Guacira Lopes Louro.

⁵ POCAHY, Fernando. Botando corpo, fazendo gênero. Representações e práticas de estetização na (re)definição corporal de masculinidades juvenis (entre estudantes de ensino médio de escolas públicas na Grande Florianópolis. Relatório de Pós-Doutorado. PPG em Antropologia Social – UFSC: Florianópolis, 2012.

A primeira ação pesquisa que realizei sobre as formas de regulação da sexualidade na trama discursiva das idades deu-se junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, em parceria com a ONG nuances – grupo pela livre expressão sexual (a qual estive vinculado por muitos anos). Esse trabalho problematizou as experimentações da sexualidade de jovens que se auto-identificavam como lésbicas, gueis, travestis, heterossexuais, bissexuais e transexuais e que aderiram a uma ação de saúde, no campo das doenças sexualmente transmissíveis/hiv e aids. Além de seu caráter de enfrentamento à epidemia, a intervenção permitiu uma análise sobre os modos como alguns jovens produzem experimentações na sexualidade face à homofobia presente na sociedade brasileira.

Este estudo foi orientado metodologicamente pela perspectiva da pesquisa-intervenção⁶ e os seus resultados apontaram para alguns dos limites e das possibilidades das ações de saúde junto ao público juvenil. A ação buscou transformar as condições de vulnerabilidade, explorando as possibilidades de deslocamento de uma posição abjeta para a de cidadão de direitos pela via da reflexão e da ampliação das redes de sociabilidade. Efeito buscado principalmente na formulação de estratégias coletivas de enfrentamento das capturas identitárias ligadas à estigmatização da pobreza na sua associação com as sexualidades ditas marginais.

Na continuidade das inquietações a respeito da força do regime discursivo que cerca as gerações, associado a uma lacuna nos estudos sobre homo/erotismo e envelhecimento masculino, ocupei-me em uma pesquisa de doutorado, junto ao PPG Educação na UFRGS, em buscar por experimentações ‘desobedientes’ de uma sexualidade e de um corpo ‘dissidente’ (HALPERIN, 2000): o corpo do idoso protagonizou este estudo e deriva dele a constatação de que algumas possibilidades de sociabilidade permitem aos idosos a contestação do destino de uma sexualidade ‘bizarra’ e como corpos fora do ‘mercado do sexo’. Através de performances desempenhadas com (algum) prazer, com (alguma) invenção, com (algum) tesão, com (alguma) graça e com (algum) desafio de si e, com alguma intenção, acompanhei algumas narrativas e experimentações - situadas, situacionais e efêmeras - de um ‘corpo’ dito ‘menor’ em uma cena dissidente.

6 O Projeto Gurizada, Saindo do Armário e Entrando em Cena foi realizado pelo nuances - em cooperação com a UNESCO, o Programa Nacional de DST/AIDS e a Coordenação Estadual de DST/AIDS da Secretaria da Saúde do RS. Coordenação de Fernando Pocahy e Fernando Pecoits, em uma perspectiva de trabalho voltada às interlocuções entre Movimento Social, Teatro e Psicologia.

Seguindo as pistas que desenhavam uma imagem aproximada para um idoso, a partir de um terreno escorregadio de zonas de experimentação orgiástica (saunas, bares de prostituição, etc), pude acompanhar uma imagem provisória deste idoso ocupando um lugar possível na cidade, que em seus movimentos de erotismo ‘deforma’ as representações ‘normais’ para o dito corpo ‘desejável’. Isso significa afirmar que outra cena de erotismo é possível e que ela vai se definindo no instante da sua própria experimentação, recusando e/ ou negociando com as interpelações do seu traçado político. O que pude acompanhar durante minha pesquisa de doutorado foi um instante de algo produzindo um esboço da experiência política da corporal/idade.

A terceira reflexão – estudo – refere-se à pesquisa de pós-doutorado ‘*Botando corpo, fazendo gênero*’. *Representações e práticas de estetização na (re)definição corporal de masculinidades juvenis (entre estudantes de ensino médio de escolas públicas na Grande Florianópolis)*⁷ que realizei no PPG Antropologia Social da UFSC, buscando compreender, a partir das experimentações de jovens no âmbito da educação escolar, como algumas dentre as linhas dos regimes discursivos que trabalham na produção normativa das masculinidades e dos dispositivos que as interpelam, cercam e (re)definem (como importantes elementos para a reflexão sobre pedagogias de gênero e de sexualidade (LOURO, 2004) na educação escolar). Este trabalho objetivou construir subsídios para políticas públicas em Educação, na direção da diversidade cultural e social das infâncias e das juventudes, em sua articulação com gênero e sexualidade. Os resultados deste trabalho foram produzidos a partir da análise de oficinas específicas sobre relações e performances de gênero em interpelação etária (BOZON, 2009). O que pudemos apreender destas experiências com as oficinas “borando corpo, (des)fazendo gênero” é de que elas tocaram a alguns/algumas estudantes, criando a possibilidade de alguma ampliação nas margens de liberdade, movimentando e agitando o pensamento crítico diante das pedagogias e programas curriculares institucionais que envolvem a experiência de si nos jogos da “etarização” da sexualidade. Os regimes normativos de gênero e as prescrições da sexualidade cercam a experiência cotidiana dos processos educativos. E ao tentarmos pesquisar-intervir diante destas representações normativas e pedagogias ordinárias estivemos

7 Pesquisa associada à ação PROEXTENSAO “Projeto Papo sério”, desenvolvida pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades - NIGS/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob a coordenação da Professora Dra. Miriam Pillar Grossi. O Projeto Papo SériO tem como objetivos a pesquisa e o enfrentamento às violências de gênero e lgbtfobias no campo da educação escolar. Minha pesquisa de pós-doutorado foi realizada junto ao NIGS/PPGAS entre março de 2011 e fevereiro de 2012.

envolvidos ativamente na disputa destes processos de significação. Evidentemente nem sempre encontramos condições favoráveis para o nosso trabalho-combate (nossa implicação: resistência, pesquisa engajada), mas não somos jamais vítimas passivas desses regimes normativos e deixamos claro que o compromisso com a educação é um direito e um dever de todas e de todos, não somente da gestão pública ou de quem oferece/cria currículo, mas de todas que fazem uma determinada comunidade escolar e definem o espectro amplo da Educação como experiência político-cultural de nosso tempo.

Atualmente Professor do PPG em Psicologia da Universidade Fortaleza, sigo em inquietações geracionais e sobre a maquinação etária nos regimes de regulação do corpo e dos prazeres. Para isto, desenvolvo uma quarta pesquisa, intitulada *Retratos-narrativas do envelhecimento entre a população LGBTI em Fortaleza: estudo qualitativo sobre sociabilidades, violência e políticas públicas*. O projeto analisa formas de regulação do gênero e da sexualidade em sua articulação com a produção discursiva do envelhecimento, como forma de compreensão dos processos de vulnerabilidade entre a população LGBT, buscando problematizar os discursos que se encontram em negociação nas experimentações da sexualidade desta população. O problema principal de estudo refere-se aos os modos como a população LGBT envelhece, quais são as representações sobre corpo, gênero e saúde que cercam suas experimentações e como estas são negociadas e vividas desde contextos culturais discriminatórios. Objetivo com o estudo compreender-intervir sobre a vulnerabilidade social entre uma população posicionada/produzida diante dos jogos discursivos que marcam as normas sexuais em sua articulação com envelhecimento. Esta pesquisa é uma dos sub-projetos vinculados à pesquisa “Gênero e sexualidade em interseccionalidades: problematizando processos de subjetivação e educação”, projeto guarda-chuva do Laboratório de Estudos e Pesquisas Multiversos – Processos de Subjetivação, Educação e Sexualidades – PPG Psi Unifor.

Ficcões do corpo, ficções no corpo

No rastro das linhas do pensamento de Michel Foucault e de Judith Butler (entre outras teóricas feministas lésbicas e/ou *queer*), procurei/ro, portanto, compreender como as normas instituem um regime de gênero (através da imposição do binarismo e da heteronormatividade) e de sexualidade (especialmente aqui diante das hierarquias

taxonômicas), a partir da idade e das representações sobre o envelhecimento e juventude. E, embora não traga nenhuma novidade dizer que as normas governam os discursos, cabe recapitular que elas produzem e regulam o sujeito do discurso, fazendo a vida (corporal) dos indivíduos (BUTLER, 2004), habitando os corpos (no caso do protagonista destas pesquisas, a materialidade discursiva do corpo idoso / o corpo 'velho' ou do corpo jovem, adolescente, 'novo').

Meu interesse deitou-se com estas ideias e procurou, desde um trabalho discursivo-desconstrucionista⁸, ensaiar alguma intimidade com movimentos eróticos que pudessem indicar formas de contestação ou resistência à norma geracional. Minha provisória certeza guia é/foi de que as experimentações das sexualidades ditas 'minoritárias'(LOURO, 2004), indóceis, dissidentes ou desobedientes, podem evidenciar algo dos jogos discursivos que encarnam o corpo, entre as continuidades e descontinuidades habilitantes do gênero e da sexualidade, demonstrando o seu caráter ficcional/ fabricado.

A partir deste arranjo, pondero que as práticas sexuais e eróticas podem perturbar o gênero (LOURO, 2004) desde o interior de sua produção discursiva, desestabilizando os instituídos que 'evidenciam' as 'identidades' 'gênero-sexualizadas'. De alguma forma, as práticas sexuais e as representações dissidentes sobre práticas produzem desarranjos nas próprias representações, denunciando que tanto são fabricadas, quanto falseadas e, por que não, *fakes*. Mas, acredito que elas dizem pouco ou quase nada sobre os sujeitos em si mesmo. E considero que os sujeitos presentes nestes estudos foram e são interlocutores/ras de cenas e de instantes que rasgaram uma cena particular, em uma das telas da moral que cerca o corpo generificado e os prazeres sexuais (seja através das vivências com os trabalhos com jovens, seja através das pesquisas de campo com adultos em espaços ditos órgiásticos ou de 'consumação sexual').

Embora eu não tenha encontrado potencialidades contundentes na desestabilização do gênero, mesmo diante das desobedientes formas de experimentação da sexualidade que tive a oportunidade de acompanhar nestes estudos, as imagens das 'fechões' de terreno (as performances dos sujeitos, a 'perform/ação' de um discurso) ofereceram-me possibilidades de abrir a reflexão sobre o teatro da heterossexualidade compulsória e os *pocket shows* cotidianos das hetero e homonormas.

⁸ Particularmente considero nesta perspectiva os trabalhos de Eve Segdweck, Judith Butler, Gayle Rubin, Teresa de Lauretis, Guacira Lopes Louro, Marie-Hélène Bourcier e Beatriz Preciado.

Além disso, considerando a idade como dispositivo importante no jogo das ‘aparências’ e nas formas de performativizar o gênero persegui/go a questão e/ou problemática sobre uma erótica para as gerações, como experiência instituída em atos performativos. Isto é, a partir de determinadas condições de possibilidade produzem perfurações nas representações que n/os produzem/exibem/projetam como vidas “abjetas” (BUTLER, 2000 [1993], 2004a, 2005a [1990], 2006d [1993]), no mesmo instante em que temos a possibilidade de arriscar alguma resistência e alguma resignificação. Segundo a autora a performatividade “não é simplesmente uma prática ritual: é um dos rituais maiores pelos quais os sujeitos são formados e reformulados” (2004 [1997], p.247).

Destas perfurações ou rasgos discursivos ou de suas formas de assujeitamento e objetificação, materializados em práticas, aposto na ideia de que não podemos pensar em identidades sexuais ou identidades de gênero fora de uma norma, uma vez que elas são em si mesmas a marca indelével de um dispositivo que é articulado sempre através de outros dispositivos. Mas, por outra parte, pergunto-me sempre se não podemos dizer que se instauram, à revelia de qualquer pragmática ou programa político para gênero-sexualidade-gerações-etnias, movimentos de contestação e de ruptura nos jogos da abjeção.

Portanto, cabe dizer que, se somos um tipo de efeito de discursos produzidos em jogos de saber-poder, não significa que estamos negando a evidência do que nos faz seres vivos – vísceras, membros, pele, órgãos dos sentidos, etc. É justamente a ideia de ‘natureza irreduzível’ que faz do corpo uma superfície contundente no engendramento de terminados jogos de verdade⁹, como aqueles jogos da produção do regime discursivo que instituem a sexualidade como um mecanismo de poder – “ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, saber sobre os indivíduos, mas também saber dos indivíduos sobre eles mesmos e quanto a eles mesmos” (FOUCAULT, 2001 [1978], p.566).

Produzimo-nos como sujeitos reconhecidos socialmente não unicamente pela materialidade visível de nossos corpos, mas pelo traçado discursivo (enunciados discursivos) que ficionam o corpo como matéria de inteligibilidades engendradas em

9 O conceito de “jogos de verdade” diz respeito em Foucault (2001 [1984a]) à relação que os sujeitos podem estabelecer consigo mesmos, através de certo número de técnicas e regras – os jogos de verdade - que os constituem como um sujeito (inteligível/reconhecível). Uma problematização sobre os jogos de verdade, corresponderia, portanto, e nos termos de Foucault, a uma forma de compreensão sobre as condições às quais ‘os sujeitos’ estão submetidos. Isto é, qual estatuto se assume, qual posição se pode/deve ocupar, no real ou no imaginário, para tornar-se ‘sujeito’ legítimo de tal ou qual (re)conhecimento.

idade, aparência corporal, classe social, gênero e sexualidade. Logo, se eu interrogo os sistemas/regimes de verdade, eu me interrogo sobre a minha própria “constituição e ontologia” (BUTLER, 2006), isto é, sobre meu próprio status ontológico. Como aponta Foucault:

“Se o poder atinge o corpo, não é porque ele foi interiorizado inicialmente na consciência das pessoas. Existe uma rede de biopoder, somato-poder, que é em si mesma uma rede a partir da qual nasce a sexualidade como fenômeno histórico e cultural, no interior do qual, às vezes, nos reconhecemos e nos perdemos”. (FOUCAULT, 2001 [1977], p. 231)

Inteligibilidades em disputa: corpos e idades em chamas.

Notas para concluir

O corpo pode per/formar sua ficção material, como fabricação discursiva que vem no rastro do projeto político da modernidade, especialmente na produção performativa que faz um arranjo particular entre oposições, descontinuidades e continuidades na trama infância, juventude, ‘adulter,’ velhice, gênero e homo/sexualidade.

A idade que levamos é a forma também de dar inteligibilidade ao que pode ser considerado como uma vida possível, socialmente reguladas por engajamentos políticos institucionais e arranjos culturais. Desta forma, estamos diante de um agenciamento discursivo que não faz outra coisa além de tentar situar o sujeito de forma reconhecível e como um sujeito que possa ser “citado” – que produz experimentações de si desde “citationalidades” – como sujeito possível ou pensável.

Assim, ao aproximar-me à ideia de movimentos de citação e de recitação performativas, que tornam inteligível um corpo/sujeito, não posso deixar de pensar nos sentidos para a vida que um corpo é capaz de encarnar; e por isso interesse-me em compreender como o corpo oferece-se a (e/ou como ele desestabiliza) estes processos, como no envelhecimento, por exemplo.

E, ao re/encontro das ideias de Rose-Marie Lagrave (2009), concordo que “questionar uma ordem das idades é uma maneira de reencantamento, no sentido em que interrogamos, sob novos riscos, as evidências tributadas à velhice, realocando os recursos cognitivos e políticos inusitados cruzando os efeitos recíprocos entre a ordem dos gêneros e das idades” (2009, p. 113).

Por isso, compreendo a idade como uma categoria política, histórica e contingente, assim como o gênero, a classe social, a sexualidade ou a ‘raça’. Mas, não de forma isolada, pois o marcador etário e geracional dificilmente pode ser pensado sem essas intersecções. O que significa dizer que a idade organiza a vida, ao conferir status de ‘humanidade’, em diferentes formas e condições político-culturais no mesmo instante em que gênero e sexualidade tornam-se visíveis e possíveis nesta trama discursiva (ao fixar as possibilidades para cada idade da vida).

Esta é uma das tramas presentes no projeto moderno. E, de fato, esta constatação não traz nenhuma novidade: só faz nos lembrar que devemos estar atentas e atentos aos etno-sexo-etário-generocídios cotidianos, deflagrados em nome da “pureza corporal” e de certas inteligibilidades sociais.

No entanto, pareceu-me estratégico pensar como a idade cria condições de inteligibilidade para o que construímos em nossas sociedades ocidentais (pós) modernas como humano e como gênero e sexualidade se articulam nesse projeto (bio)político do corpo moderno. O corpo pleno, veloz, dinâmico é o corpo da utopia biopolítica do projeto moderno, um corpo que não chega a ser alcançado. É um corpo ‘planejado’, desenhado, calculado, medido, ficcionado. O corpo é uma ficção política, forjada, tecida em dispositivos de gênero, sexualidade, idade, tamanho, forma, peso, ‘raça’...

Mas outro corpo seria possível? Chego a acreditar que sim. Talvez aquele corpo presente na cena da forclusão da erótica moderna, no interior de uma cena que toma modos de uma resistência, pelos seus atos de contestação e que oferece outra corporeidade ao corpo - como unicamente um *topos*, uma superfície sem fundo e sem medida. O corpo, eu arrisco dizer, pode ser uma heterotopia.

Uma heterotopia de si como refúgio da normal-IDADE. Em suas superfícies, formas, sentidos e prazeres, o corpo faz dele um lugar outro, tomado em um instante de orgia ou instante de uma cena de exceção. Como afirma Foucault (2009), talvez seja por isso que (alguns dentre nós, eu diria) gostemos tanto de fazer sexo, porque no sexo “o corpo é aqui”; devolvido ao corpo em uma sorte de sequestro relâmpago e efêmero das disciplinas modernas.

Referências Bibliográficas

BILGE, Sirma. *Théorisations féministes de l'intersectionnalité*. Diogène. n° 225, janvier-mars 2009.

BOURDIEU, Pierre. *La «jeunesse» n'est qu'un mot. Entretien avec Anne-Marie Métaillé*, paru dans *Les jeunes et le premier emploi*. Paris, Association des Ages, 1978,

pp. 520-530. Repris in *Questions de sociologie*, Éditions de Minuit, 1984. (p143154). Ed1992 In: www.hommemoderne.org/societe/bourdieu/questions/jeunesse.html. Acessado em 12/12/2005.

BOZON, Michel. Les âges de la sexualité. Entretien avec Michel Bozon par Marc Bessin. *La tyrannie de l'âge. Mouvements*, n° 59, juillet-septembre. La Découvert: Paris, 2009

BUTLER, Judith. *Défaire le genre*. [2004]. Paris: Éditions Amsterdam, 2006.

_____. *Trouble dans le genre. Pour un féminisme de la subversion*. [1990]. Paris: La Découvert, 2005a.

_____. *Humain, inhumain. Le travail critique des normes*. Entretiens. Paris: Éditions Amsterdam, 2005b.

_____. *Le récit de soi*. Paris: Editions PUF, 2005c.

_____. *Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. [1993]. Buenos Aires/Barcelona/Mexico : Paidós, 2005d.

_____. *Le pouvoir des mots. Politique du performatif*. [1997]. Paris: Éditions Amsterdam, 2004.

_____. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Defender la sociedad*. [1976]. Buenos Aires Fondo de cultura económica de Argentina, 2006.

_____. *Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps*. [1977]. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.

_____. *Sexualité et pouvoir*. [1978]. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.

_____. *Foucault*. [1984a]. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.

HALPERIN, David. *Saint Foucault*. Paris: EPEL, 2000.

LAGRAVE, Rose-Marie. Ré-enchanter la vieillesse. In: *La tyrannie de l'âge. Mouvements*, n° 59, juillet-septembre, 2009. La Découvert, Paris.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.